

Osório se ocupa com o saneamento

O investimento maciço em uma nova política de saneamento básico precisa ser uma das maiores preocupações do Distrito Federal e seus eleitos em 15 de novembro precisam unir-se para pressionar o Governo a acabar com uma situação dramática para uma boa parcela da população, que não é atendida por esgotos, tem que andar quilômetros para buscar água e vive em condições precárias, sem luz ou qualquer tipo de infra-estrutura.

Esta tese foi levantada pelo candidato a senador Osório Adriano, do PFL. Ao participar, ontem à noite, de um comício com o candidato a deputado Valmir Campelo, na Vila Planalto, Osório disse que o déficit habitacional e a falta de saneamento básico são exemplos claros das dificuldades que a comunidade de Brasília enfrenta. Para ele, grande parte da população está consciente de que a situação alcançou um grau intolerável, como é o caso da Vila Planalto:

— Esta cena de mulheres carregando latas d'água e lavando roupas em bacias é a maior prova de que o DF cresceu mas não dispõe de uma estrutura de saneamento eficiente. É uma realidade angustiante, causada pelo crescimento descontrolado das grandes cidades. Em 20 anos, o Brasil assistiu a uma inversão completa da proporção de habitantes nas zonas rural e urbana. Hoje, mais de dois terços da população mora nas grandes cidades. O governo teria que investir muito no saneamento básico, mas optou no passado por aplicar grandes recursos em outras obras de valor discutível. O resultado é que enfrentamos um déficit tremendo neste setor — justifica Osório Adriano.

Houve um erro de prioridades nos últimos governos, segundo o candidato. "Nos grande centros urbanos, o saneamento teve um desenvolvimento desigual. Do início da final da década de 70, os lares que eram abastecidos com água cresceram de 54 para 76 por cento. Mas a rede de esgotos, talvez por custar três vezes mais, não acompanhou este percentual", explica ele, que recolheu dados específicos sobre a situação no Distrito Federal:

— A rede de distribuição de água no DF cresceu apenas 3,2 por cento de

1983 a 84, enquanto a população, neste mesmo período, aumentou 5,12 por cento. Ninguém precisa ser matemático para concluir que parte da comunidade não teve acesso às melhorias de infra-estrutura. Da mesma forma, isto aconteceu em relação à rede de esgotos. No Distrito Federal, há dois anos, tínhamos mais de 240 mil domicílios atendidos por abastecimento de água, enquanto os lares com acesso a um eficiente sistema de saneamento básico não passavam dos 2065 mil. Um déficit que, invariavelmente, prejudica as faixas mais carentes da população.

A preocupação de Osório Adriano, em relação à sua plataforma política como candidato a senador pelo DF, é justamente lutar para que estas diferenças de tratamento não aconteçam mais. Ele lembra que, em 1980, 88 por cento das áreas urbanas no Brasil eram servidas por energia elétrica, e 76 por cento pelas redes de água, mas apenas 39 por cento das grandes cidades tinham redes de esgotos para suas populações:

— A falta de oportunidades e condições de trabalho forçou grandes contingentes populacionais a tentarem a sorte nas cidades, inchando de maneira quase incontrolável nossos principais centros urbanos. Brasília não foi uma exceção, ao contrário. Tanto que já superamos qualquer previsão sobre a população, hoje estabelecida em quatro milhões de habitantes para o ano 2000. A reforma agrária terá condições de frear esta migração interna, mas nós também precisamos nos preocupar em atender aqueles que moram nas cidades. Mas não apenas com água e luz, porque o saneamento básico é uma das formulas mais eficientes para se proteger a população contra doenças e epidemias.

“O Brasil deixou de ser rural para tornar-se um país majoritariamente urbano num espaço de apenas 20 anos, e não teve como preparar-se para receber esta invasão em suas cidades”, finaliza Osório. “No futuro, precisamos estabelecer mecanismos para que o Governo seja forçado a socorrer a população em suas necessidades básicas”.